

Prefácio

Alonso Bezerra de Carvalho

Como citar: CARVALHO, A. B. Prefácio. *In:* BUENO, S. F. **Adorno, o fascismo e o mal**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2021. p. 9-12. DOI: <https://doi.org/10.36311/2021.978-65-5954-044-0.p9-12>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Prefácio

O livro que temos em mãos agora é daquelas obras que chegam em momentos cruciais e fronteiriços de uma experiência histórica tal qual a humanidade vive atualmente. Pode parecer, então, que é um texto datado e em breve estará superado. Muito pelo contrário, pela profundidade da análise e pelo insistente cuidado que são tratados os conceitos, as ideias e o diálogo com os autores estudados, o debate frutífero e a provocante contribuição apenas estarão no seu começo.

Supondo que você, leitor ou leitora, esteja me lendo aqui, quero te dizer, te preparar e te incentivar a ir em frente, pois ao final da leitura deste livro estarás como o homem que tomou banho no rio de Heráclito: não serás mais o mesmo. Terás mudado algumas de tuas convicções, talvez superado e problematizado algumas de tuas certezas e edificado uma nova postura diante da existência humana. Portentosos, os argumentos e o enredo teórico trazidos pelo meu amigo Sinésio, nos abrem a um novo horizonte e nos conduzem a pensar, a sentir e a agir de uma maneira nova.

Com o objetivo de continuar o diálogo entre a Teoria Crítica e a Educação, o texto tem a sensibilidade e o compromisso de apresentar um novo olhar para a questão da crueldade sem limites do nazifascismo. Defende que o processo de coisificação do espírito, explicado como fruto das contradições materiais da sociedade, não é suficiente para entendermos a catástrofe humana que Auschwitz significa. É preciso incorporar um olhar metafísico a partir do qual a experiência do mal ali manifesta seja conceitualmente melhor compreendida.

<https://doi.org/10.36311/2021.978-65-5954-044-0.p9-12>

Para que Auschwitz não se repita, não basta apenas reelaborar o passado com os instrumentos teóricos até agora adotados, mas ampliar e aprofundá-los a ponto de favorecer o enfrentamento e a proposição de uma educação que considere os processos emocionais, passionais e espirituais nela incluídos. O materialismo dialético, que produz o espírito a partir da matéria, seria insuficiente para nos fazer compreender a vulnerabilidade emocional daqueles indivíduos que aderem facilmente a grupos e a comportamentos estereotipados que segregam minorias étnicas, religiosas e sociais.

No seu livro, Sinésio é contundente em considerar que o fenômeno fascista deve ser estudado para além de sua circunscrição histórica e geopolítica. Para tanto, apresenta em um primeiro momento os subsídios conceituais que nos permitem compreender a análise crítica que Adorno faz sobre o fascismo, sobretudo a partir de conceitos como indivíduo, unheimlich, personalidade autoritária, jitterbug, vida falsa e coisificação, encerrando com uma reflexão acerca das dificuldades estruturais de uma educação voltada para a desbarbarização. Se desbarbarizar significa fomentar processos formativos capazes de inverter as tendências regressivas, o que poderia superar a peculiar defasagem entre o grau de autonomia do indivíduo e o desenvolvimento técnico da civilização, ao mesmo tempo nos revela dificuldades intransponíveis, pois os potenciais formativos que nos levariam a um estado de liberdade encontram-se travados por um estado generalizado de semiformação. Como resultado, a civilização moderna e tecnologicamente desenvolvida encontra-se tomada por impulsos destrutivos e anticivilizatórios de maneira perene. Portanto, a análise adorniana, ao se fundamentar no aparato conceitual da dialética materialista ou a partir das contradições materiais da sociedade burguesa, revela o seu limite.

Na sequência do livro, o que vemos é a busca de outras ressonâncias e perspectivas que possam dar conta de compreender de maneira mais profunda essa experiência trágica e catastrófica que a humanidade experimentou.

É nesse sentido que na segunda parte do texto são desenvolvidas reflexões destinadas a expor não apenas as dificuldades teóricas da primazia do materialismo para o estudo dos aspectos sombrios do fenômeno fascista, mas tratar do tema do mal aí implícito a partir de outros referenciais, o que inclui filósofos como Leibniz, Kant, Hegel, Berkeley, Freud e Lukács mais próximos de nós, mas também Platão, Aristóteles e Santo Agostinho. Se essa abordagem é, por si só, bastante original, as implicações que ela pode causar no campo da educação me parecem ser a grande contribuição deste livro. Em outras palavras, uma formação de professor e/ou prática docente que queira se revestir de importância, ser respeitada, ser tratada com seriedade ou cumprir um papel fundamental na sociedade contemporânea não podem ficar alheias ao debate trazido e promovido nesta obra.

O prazeroso na leitura do livro são as provocações e questionamentos a ideias, posturas, crenças e atitudes que um certo viés intelectual buscou sempre garantir, principalmente nos ambientes acadêmicos, muitas vezes insensíveis às demandas e inquietações que nós temos no nosso cotidiano. Uma educação após os campos de concentração de Auschwitz será mais frutífera se levar em conta outros aspectos e outras dimensões que mobilizam os humanos, e é nesse sentido que a questão do mal torna-se o tema principal do debate. Na história da filosofia ocidental, a indagação acerca das razões da existência do mal encontrou em Santo Agostinho sua mais precisa enunciação, tornada referência para as mais importantes reflexões posteriores. Sem se ocupar de tratar a questão a partir de uma mera visão dualista, ou seja, o mal de um lado e o bem do outro, o que o nosso amigo Sinésio quer mostrar, a partir de uma exposição bastante cuidadosa e inovadora, é o quanto a metafísica ainda tem muito a contribuir em

nossas vidas. Aliás, sem ela estaríamos perdidos e sem rumo, tendo em vista que a matéria ou o materialismo seria limitado, reducionista e insuficiente para nos fazer compreender ou nos aproximar de alguma maneira aos mistérios que nos envolvem.

Enfim, a sensação final que o texto nos desperta e nos move é a de que o humano tem um potencial que ainda está por ser reconhecido e valorizado na devida medida. Essa dimensão metafísico-espiritual, que Sócrates denominava *daimon*, nos dá a esperança e a força para edificarmos uma educação que pode fazer a diferença e, assim, fazer com que os mais inocentes impulsos de espontaneidade e afabilidade possam se expressar e ser uma resistência em meio ao convencionalismo, aos automatismos e à frieza que danificam a vida e as relações entre os humanos. As consequências em uma sala de aula não são difíceis de imaginar. Boa leitura!

Marília, 11 de setembro de 2020.

Prof. Dr. Alonso Bezerra de Carvalho

Departamento de Didática e Programa de Pós-Graduação em Educação
Faculdade de Filosofia e Ciências
Universidade Estadual Paulista – UNESP
Campus de Marília